

# **INTRODUÇÃO**

## **NÓS(FEM) / EU COLETIVO: PEDAGOGIAS FEMINISTAS NAS AMÉRICAS E NO CARIBE**

**Coletivo Editorial**

Traduzido por Valéria Araújo

O feminismo é insurgente nas Américas e no Caribe. Na última década, uma onda gigante de amor e fúria deu novamente voz a “gritos”, há muito sufocados, contra o feminicídio, a violência sexual, a reprodução forçada e a marginalização econômica. Um coro de coletivos e movimentos feministas emergiu em todas as regiões, energizando antigas e propondo novas estratégias contra o capitalismo racial, a misoginia, o extrativismo ecoterrorista e os álbis dos estados heteropatriarcais. Essa corrente liderada por feministas e queers nos movimentos sociais latino-americanos e caribenhos— uma “revolução dentro da revolução”—desafia a reprodução do racismo, do heterossex-ismo e da transfobia. A dupla consciência reflexiva das radicais feministas, queer e trans — especialmente as de ascendência Africana e Indígena — defende a luta revolucionária ao mesmo tempo que critica as suas deficiências.

Esses movimentos reconhecem que esses sistemas interligados de opressão subjugam as mulheres das comunidades Indígenas e Afrodescendentes da classe trabalhadora, entre outras. Essa guinada salutar deu origem a mobilizações massivas. Elas têm diferentes nomes – *Ni Una Menos*, *el mayo feminista*, até #MeToo. Uma nova contra-militância está florescendo para centrar os mais prejudicados em todo o Hemisfério Ocidental: ações diretas contra violências sexuais no Chile e no México, assembleias feministas na Argentina, recuperação de terras e educação popular no Brasil, centros de ajuda mútua e produção cultural radical em Porto Rico e uma *mareia verde* [onda verde] de vitórias no acesso ao aborto em toda a América Latina.

Esses avanços vibrantes do Sul desenvolvem um ritmo hemisférico de solidariedade com o Norte. As coligações Negras e Indígenas do Canadá e as vertentes interligadas do abolicionismo, do antifascismo, das campanhas de justiça reprodutiva, da defesa das comunidades queer e trans e da sindicalização laboral dos Estados Unidos fomentam um ecossistema que funde a crítica interna com a ação social. Em vez de contar somente com estratégias como a de construção de partidos, campanhas eleitorais ou negociações com o Estado, esses movimentos enfatizam o atendimento direto às necessidades sociais das comunidades – cuidados, alimentação,

segurança, abrigo —além e mesmo (às vezes) contra o Estado.

Esses movimentos Latino-americanos e Caribenhos se baseiam, *queer* (estranham), desmantelam e reestruturam os movimentos, as teorias e as lutas cotidianas anteriores, incluindo o sufrágio, a libertação das mulheres, o Terceiro Mundo e as *Women of Colors*<sup>1</sup>, a Libertação Gay e os movimentos LGBTQ+. O que os distingue dos seus antecessores é a velocidade e a intensidade do seu trabalho em rede e a prática de greve feminista. Ambas as formas de relação social—a rede e a greve—conferem a esses recentes movimentos feministas a transversalidade que Verónica Gago caracterizou como *feminist international (internacional feminista)*.

Membros da Sociedade Latino-Americana de Filosofia da Educação (Latin American Philosophy of Education Society, LAPES) buscaram contribuir com essa internacional feminista criando de um espaço de encontro e reflexão sobre práticas que pudessem servir de apoio a esses movimentos. Fundada em 2012, LAPES é um experimento coletivo conduzido por um grupo internacional de ativistas, profissionais da educação e da academia. Promovemos a disseminação das filosofias e práticas educacionais da América Latina e do Caribe, ao facilitar os diálogos Sul-Sul e Norte-Sul. Nosso *encuentro* de 2022 teve como objetivo destacar as pedagogias insurgentes dos movimentos feministas nas Américas e no Caribe, a fim de fomentar as transformações sociais ur-gentemente necessárias.

Inspirada por esses movimentos feministas e pelos seus modos *sentipensantes* (pensar-sentir), de estar no mundo, a LAPES reuniu ativistas, profissionais da educação, da academia e pessoas de organizações comunitárias para compartilhar os seus trabalhos e oferecer provocações para que possamos compreender as complexas lutas pela descolonização e co-libertação. Estes incluíram Yuderkys Espinosa Miñoso e Ochy Curiel, acadêmicas militantes que se organizam com GLEFAS, com sede na República Dominicana; Lucí Cavallero, Verónica Gago e Liz Mason-Deese,

1→ Nota da tradutora: O termo *Women of Colors* (Mulher de Cor) é utilizado principalmente nos Estados Unidos para descrever qualquer mulher que não seja considerada branca; e enfatiza experiências comuns de racismo estrutural.

acadêmicas militantes que se organizam com *Ni Una Menos* na Argentina e no exterior; Silvia González, trabalhadora do lar e organizadora da *Mujeres Sin Frontera* e da Casa Latina em Seattle; Larissa Gus e Melissa Bonilla, representantes do coletivo de arte ecofeminista mexicano Nahuala Indómita; e Layla Zami, Tito Mitjans Alayón, Violeta Orozco Barrera e Conor Tomás Reed, coletivo editorial da *anthology-in-formation Black Feminist Studies in the Americas and the Caribbean* (Estudos Feministas Negros nas Américas e no Caribe) com Diarenis Calderón Tartabull e Makeba Lavan.

Embora o simpósio tenha se concentrado amplamente nos feminismos Latino-americanos e Caribenhos, procuramos destacar as *pedagogias feministas* que emergem desses contextos distintos, mas conectados, como parte do fomento das solidariedades Sul-Norte/Norte-Sul. Ao mesmo tempo, o *encuentro* compartilhou pedagogias e práticas feministas que acontecem dentro e fora das instituições educacionais e dos espaços dos movimentos sociais. Entre as questões que orientaram nosso encontro, surgiram: Como os movimentos feministas exercem a agência pedagógica? Como as *pedagogias feministas* estimulam modos feministas de desobediência dentro e fora das instituições educacionais? Como as *pedagogias feministas* se diferem de, ou se baseiam e desenvolvem outras formas de pedagogias críticas? Que lições as militantes e acadêmicas feministas oferecem sobre como desafiar o poder do Estado, o capitalismo racial, a ideologia e a prática neoliberais? Como os recentes feminismos Latino-americanos e Caribenhos se complementam e se diferem do feminismo das *Women of Colors* dos EUA e de outras vertentes do feminismo dentro e fora da região? Como as *pedagogias feministas* respondem às manifestações locais e globais sobre o colapso do sistema ambiental? Que novos mundos imaginamos através das pedagogias feministas?

Aproveitamos o poder de colaboração e organização online durante a pandemia da COVID-19 para criar uma plataforma educacional temporária para a internacional feminista. A nossa conferência totalmente bilíngue e híbrida combinou ambientes presenciais e online. Durante dois dias, mais de 500 pessoas de

todas as Américas, Caribe e Europa, e palestrantes da Universidade de Washing-ton, Carolina do Norte, Illinois, Colômbia, Argentina, México, Guatemala e Alemanha participaram do simpósio. A complementaridade desses dois espaços foi particularmente evidente para um membro da LAPES, que estava localizada em Buenos Aires. O primeiro dia do simpósio coincidiu com uma grande manifestação feminista na cidade—Luci Cavallero e Verónica Gago falaram conosco de um café lotado há poucos passos da mobilização. O Simpósio de LAPES 2022 foi um espaço gratuito e aberto ao público, assim como esta edição do LAPIZ é de livre acesso, pois como coletivo afirmamos que o conhecimento não é propriedade de ninguém. Pela mesma razão, a adesão à LAPES não pode ser comprada—é concedida gratuitamente.

Vemos nos movimentos feministas Latino-americanos e Caribenhos um desafio oportuno à dominação de corpos feminizados e racializados; um desafio que coloca as práticas educativas no centro da luta política. O aumento da precariedade devido à pandemia da COVID-19 apenas sublinhou a importância do avanço desses movimentos e de suas filosofias feministas do bem comum. As rotas anticoloniais, feministas, queer e trans para a libertação não prometem nenhuma panaceia abrangente. No entanto, as suas perspectivas e métodos oferecem uma estratégia para a luta de massas, que se recusa a condenar alguém a ser a ponte sobre a qual a liberdade de outra pessoa é traçada. Ao fomentar o diálogo entre pensadores, artistas, ativistas e profissionais da educação heterogêneos da América Latina e do Caribe nos Estados Unidos, a LAPES colabora com nascentes pedagogias feministas, antirracistas e descoloniais no Norte. Esperamos desencadear des/orientações generativas dos nossos modelos pedagógicos atuais, a fim de contribuir com a criação de mundos novos e mais igualitários.

## **ELOISA AGUIRRE E CRISTINA SÁNCHEZ-MARTÍN SOBRE NAHUALA INDÓMITA**

Não foi por acaso que nos conhecemos no Simpósio LAPES 2022 sobre “*PEDAGOGÍAS FEMINISTAS: Movements, Solidarity, and Disobedience for New Worlds*” (“PEDAGOGIAS FEMINISTAS: Movimentos, Solidariedade e Desobediência para Novos Mundos). O encontro aconteceu na Universidade de Washington, em Seattle, no fim do primeiro ano de Cristina como professora assistente do departamento de inglês da UW e no início da jornada de Eloisa na pós-graduação. De certa forma, nosso trabalho anterior motivou nosso encontro ali, um espaço onde poderíamos nos reunir com outras pessoas comprometidas com a pedagogia feminista e libertadora.

Logo após, assumimos a tarefa de revisar e traduzir o “Manifesto sobre Pedagogias Feministas”, um dos artigos apresentados no simpósio pelo grupo feminista mexicano Nahuala Indómita. Grande parte do trabalho antirracista e feminista que nos moldou—desde as revoltas que se seguiram ao assassinato de George Floyd, por exemplo—exigia que os acadêmicos praticassem o que pregavam e, assim, promovessem mudanças reais nos seus mundos acadêmicos. Com isso em mente, propomos a tradução de um artigo sobre o feminismo como tal: como prática feminista colaborativa e horizontal. O que significa quando ambas autoras são falantes de diferentes espanhois (mais ou menos privilegiados) e ocupam posições diferentes no mundo acadêmico predominantemente branco e anglófono dos EUA? Traduzir envolveu refletir sobre nossas experiências corporalizadas, individuais e coletivas dentro e através das fronteiras linguísticas de duas línguas coloniais: Inglês e Espanhol. Significou desaprender e transgredir as ideologias linguísticas prescritivistas que assumem gêneros binários e expressões monolíngues “puras”.

O exemplo “nós (fem)” ilustra bem isso. Como pretendíamos manter a linguagem inclusiva (não binária) que as autoras escolheram implementar em Espanhol e ao mesmo tempo nos comprometemos a preservar a feminilidade por trás dos textos das autoras, entendemos que “*nosotras*” nesse manifesto significava mais do que

“we” (“nós”). *Nosotras* faz referência ao significado de “*compañera*” e às lutas das autoras como escritoras femininas. A recusa em traduzir o pronome *nosotras* para um simples “we” (“nós”), nos permitiu assumir o papel de tradutoras como ferramenta de libertação.

## **MIGUEL ÁNGEL BLANCO MARTÍNEZ SOBRE OCHY CURIEL E YUDERKYS ESPINOSA-MIÑOSO**

O simpósio de LAPES 2022 compreendeu desde a sua germinação o desejo transversal de crítica aos paradigmas modernos/coloniais tanto do “feminismo” como da “pedagogia”. Quando se trata de “feminismo”, procuramos desafiar o “gênero” e o “sujeito mulher” como único eixo de diferença e como sujeito político homogêneo. No que diz respeito à “pedagogia”, procuramos contestar as disciplinas e as práticas acadêmicas que carecem de uma análise interligada de raça e classe social, dentro da narrativa eurocêntrica de progresso e civilização que é característica da educação formal.

Ao me juntar à LAPES na elaboração do Simpósio LAPES 2022, quando me perguntaram sobre potenciais colaboradores, não pude deixar de sugerir Ochy Curiel e Yuderkys Espinosa Miñoso como participantes essenciais em qualquer conversa sobre pedagogias feministas. Como feminista queer de um Estado espanhol—ou do primeiro “Estado-nação moderno”, como diria Enrique Dussel, dada a sua fundação imperial não reconhecida e as atuais implicações coloniais—o trabalho intelectual e militante de Ochy e Yuderkys, em conjunto e/ou separadamente, tem tido um impacto tremendo nos feminismos espanhóis e do sul da Europa, além da América Latina e do Caribe.

Graças às feministas Latino-americanas e amigas dos circuitos feministas europeus, tive a oportunidade de me familiarizar com o seus trabalhos e senti que LAPES seria sem dúvida um espaço tanto amigável como político para compartilhar referências sobre discussões pedagógicas feministas que são negligenciadas ou completamente invisibilizadas pelo Imperialismo (acadêmico) do Norte Global /Sul Global. Tal é o caso dos Estados Unidos, onde o

trabalho de Ochy e Yuderkys, entre muitas outras pensadoras feministas da América Latina e do Caribe, estão, em grande parte, ausentes dos currículos de estudos sobre mulher e gênero, sociologia ou filosofia, ou marginalmente presentes nos departamentos com foco na América Latina, no Caribe ou na Península Ibérica. Além da tradução inglês-espanhol, as desigualdades a nível editorial sublinham uma assimetria da circulação de poder/conhecimento em dívida com a colonialidade do poder e do conhecimento, como formularia Aníbal Quijano, que é simultaneamente atravessada pela colonialidade de gênero, como descreveu María Lugones. Dado o domínio do individualismo e da academia corporativa nos Estados Unidos, são raros os espaços críticos comunitários para discutir tais assimetrias. Em meio a esse cenário conflituoso, LAPES 2022 procurou ser esse espaço graças, em parte, às intervenções de Ochy e Yuderkys.

Nesta perspectiva, as apresentações de Ochy e Yuderkys proveram ao simpósio de LAPES 2022 uma genealogia, teoria e prática feminista decolonial para a compreensão das pedagogias feministas enquanto criação de espaço para a coexistência de novos mundos. É inspirador reconhecer o feminismo descolonial como “*campo de conflicto y tensión*,” como sugeriu Yuderkys em sua fala, para que se continue a interrogar nas pedagogias feministas os limites e/como possibilidades na imbricação da educação e construção do mundo.

Partindo desta premissa, Ochy Curiel nos elucidou com uma genealogia crítica das pedagogias feministas descoloniais, que vão desde as pedagogias militantes e baseadas na educação popular de Paulo Freire e Catherine Walsh até a memória e os saberes comunitários das aldeias e comunidades indígenas em Abya Yala. Ao fundir as promessas emancipatórias das filosofias de educação popular com as tradições de saberes de cada aldeia ou comunidade, Curiel nos convida a conceber pedagogias descoloniais feministas atentas à oralidade, à corporeidade e às relacionalidades ontológicas. Invertendo a lógica de conhecimento extrativa dos profissionais acadêmicos que questionam “o outro” como um objeto em vez de sujeito de pesquisa, Ochy destaca um estilo de “*cimarronaje*”



(quilombagem / aquilombamento) de envolvimento intelectual, ultrapassando assim os métodos de educação formal. Para que pudéssemos entender melhor essa *cimarronaje*, Ochy nos apresentou as *Escuelas Feministas Descoloniales Cimarronas* lideradas pelo GLEFAS, realizadas a partir de 2016, onde uma pedagogia decolonial feminista *cimarrona* (quilombola) é intensificada com participantes da República Dominicana e do Haiti, tornando-se uma experiência marcante para nutrir os ativismos feministas decoloniais na região.

Continuando com essa posicionalidade *cimarrona*, Yuderkys Espinosa Miñoso aprofundou-se na genealogia crítica e militante dos feminismos decoloniais na América Latina e no Caribe, traçando a sua história a partir de pontos de vista pessoais e coletivos. Sob esta luz, Yuderkys apresentou a sua jornada ativista, que vai desde uma educação politizada e uma militância universitária até à participação nos feminismos argentinos antes do seu retorno à República Dominicana. Além do legado e da inspiração recebidos pelos feminismos Negros e pelos feminismos Autônomos na América Latina, essas experiências pessoais e coletivas têm nutrido as contribuições de Yuderkys aos feminismos decoloniais. Como pioneiro na área, e na companhia de muitos pensadores e ativistas cúmplices, o trabalho de Yuderkys tem ajudado a problematizar a negligência eurocêntrica sobre gênero, raça e classe social, a partir da expansão de ferramentas críticas fornecidas pelos estudiosos da “modernidade/colonialidade”. Entre outros princípios pedagógicos, Yuderkys sublinha a importância de uma “*genealogía de la experiencia* (genealogia da experiência)” que seja capaz de implementar, como metodologias pedagógicas feministas decoloniais, a historicização, a sistematização e a desaprendizagem de conhecimentos comunitários; em suma, praticar “*un Yo colectivo* (um eu coletivo)” que está no centro das trocas e discussões pedagógicas em meio a uma cultura de ódio e cancelamento.

Desfrutando da participação online de Ochy via Zoom, em seu escritório na Universidade de Bogotá, e da participação presencial de Yuderkys, na Universidade de Washington, a experiência de moderar

ambas as discussões representou um enorme des/aprendizado na coletividade online e presencial. O grande número de participantes online conectados ao redor do mundo, com um número significativo de territórios em Abya Yala, assim como a presença física dos participantes educacionais e militantes reunidos neste volume, tornaram as suas contribuições não somente intelectual e politicamente relevantes, mas também uma ponte generativa para cada participação no LAPES 2022. O pequeno público que se reuniu na Universidade de Washington, apesar dos esforços de LAPES para promover o evento, em comparação com a grande participação online, desempenhou um papel na moderação de suas falas, bem como nas minhas reflexões posteriores.

Essas retornam à colonialidade do gênero, do poder e do conhecimento, e à corporatização da academia nos EUA ao tentar provocar a sua natureza política. Um evento semelhante num fórum educativo na América Latina, no Caribe ou na Espanha teria ultrapassado em muito a participação presencial do simpósio. Estas contradições falam por si. Gostaria de finalizar destacando o significado pedagógico feminista de suas contribuições no simpósio LAPES 2022, e agora, com sua publicação em Espanhol, Português e Inglês, para que os espaços educacionais de língua Inglesa também possam se beneficiar dessas importantes pedagogias intelectuais e militantes.

### **COLETTE JUNG SOBRE A ANTOLOGIA ESTUDOS FEMINISTAS NEGROS NAS AMÉRICAS E NO CARIBE**

As apresentações no simpósio LAPES 2022 ofereceram desafios diretos à opressão de pessoas feminizadas e racializadas, ao mesmo tempo que situam a educação além da academia, no centro da luta sociopolítica. Pensando nas lutas dos feminismos Afrodescendentes no desenvolvimento de uma pedagogia feminista coletiva de libertação, Layla Zami, A. Tito Mitjans Alayón, Violeta Orozco Barrera e Conor Tomás Reed apresentaram seu oportuno trabalho co-editorial. Esta *anthology-in-formation* fortalece as solidariedades

entre ativistas, radicais e acadêmicas feministas Negras e Indígenas, e destaca o conhecimento político, social e geracional que não é, frequentemente, representado pelas principais publicações institucionais.

Tal como acontece com muitas instituições do Estado-nação, a academia—historicamente, uma ferramenta de aniquilação linguística, epistêmica e cultural—normalmente legitima o conhecimento alinhado com locais de privilégio no sistema de colonialidade. *Black Feminist Studies in the Americas and the Caribbean* (Estudos Feministas Negros nas Américas e no Caribe) oferecem es leitories interpretações e epistemologias que não fazem parte dos sistemas de conhecimento circulados pelos Estados-nação. Contraria as estruturas políticas que valorizam os feminismos Negros e Indígenas dos Estados Unidos e do Norte global em detrimento dos feminismos do Sul global. Inspirando-se nas atuais obras circuladas sobre o feminismo Negro, o coletivo editorial apresenta uma excelente coleção emergente que, como disse Conor Tomás Reed, “visa traduzir e fazer circular vozes feministas Negras não anglófonas que são silenciadas pelos fluxos do mercado de publicações que operam dentro dos sulcos do colonialismo estabelecidos há muito tempo.”

Está incluída uma miríade de produções epistêmicas em uma variedade de disciplinas e formas de arte. A partir do reconhecimento de que a academia é o mundo quase exclusivo das elites brancas mestiças cisgênero heterossexuais, seus materiais cuidadosamente selecionados movem a conversa de muitos feminismos radicais para além da questão da universalização da 'mulher' ligada às compreensões binárias modernas e contemporâneas de gênero circuladas na colonialidade de poder. Ao fazê-lo, oferece espaço para conexões mais horizontais com mulheres Negras, pessoas cis, trans e não binárias nas Américas e no Caribe.

No sistema global de colonialidade, os circuladores de conhecimento universalizam frequentemente as experiências Negras e Indígenas como heteronormativas do Norte global. Os sucessos dos feminismos de mulheres Negras e *Women of Colors* do

Norte, incluindo os EUA e o Canadá, deixam, frequentemente, as mulheres Negras e *Women of Colors*, pessoas trans e não-binárias e as feministas do Sul global fora das conversas—ausentes na mesa. O domínio das feministas Negras e Indígenas do mundo anglófono, sugerem o coletivo editorial, supervaloriza o inglês dominante. Isto é, como disse A. Tito Mitjans Alayón, “uma estratégia de desterritorialização para apagar a produção feminista Negra regional e, assim, manter a hegemonia branca e heteronormativa nos espaços editoriais acadêmicos e intelectuais”. Outras formas e linguagens de conhecimento dispõem de recursos mínimos para publicar e circular seus trabalhos acadêmicos e literários.

Tendo isso como ponto de partida, a próxima antologia fala sobre as maneiras pelas quais mulheres, feministas, queer, transgêneros, intersexuais e pessoas não binárias racializadas no sistema de gênero colonial e moderno—mesmo enquanto praticam a decolonialidade e o antirracismo—podem também produzir o que Yuderkys chama de “*campo de conflicto y tensión*” ou encenar o que María Lugones chama de “hostilidades horizontais/ *hostilidades horizontals*”. Como as nossas múltiplas relações são uma dialética do fenômeno oprimido/opressor, não ter acesso um ao outro e as percepções construídas dentro dos sistemas de conhecimento familiares são um obstáculo à construção de comunidades. Em vez de se assimilarem em estruturas familiares de compreensão e percepção, esse trabalho arquiva e reúne num único livro múltiplas vozes, que não seriam encontradas de outra forma. Para engajar, como disse Violeta Orozco Barrera, “uma práxis radical de produção de conhecimento, devemos ler atentamente, analisar criticamente e intencionalmente citar mulheres Negras que estão escrevendo fora dos Estados Unidos e em vários idiomas”. *Black Feminist Studies in the Americas and the Caribbean* fala de uma abordagem comparativa, interdisciplinar e transnacional. Isso convida es leitorias a encontrar a diferença com ênfase nas interconexões como seres subjugados pela colonialidade do ser e para além dela; conhecer não a partir de categorias familiares e epistemologias dominantes, mas a partir de novas conexões na aprendizagem/desaprendizagem mútua.

Uma grande parte da força da antologia reside no seu método-transgride e provoca as limitações opressivas ao reunir quatro línguas que, embora coloniais, quando juntas se tornam um ato de pedagogia radical e decolonial. Quando as nossas diferenças são compartilhadas, encontramos uma multiplicidade de pensamentos, ideias e cosmologias, bem como práticas de resistência à violência do racismo, da misoginia e da transmisoginia na colonialidade do poder—até mesmo quando essas são implementadas no âmbito dos projetos de solidariedade. A antologia, portanto, centra mulheres Negras, queer e pessoas trans na América Latina e no Caribe e oferece espaço para novos encontros que beneficiam a todes es leitories—não apenas em Inglês, mas também em Espanhol, Crioulo/ Francês e Português.

Por último, entusiasmei-me ao ouvir o coletivo editorial discutir como o *Black Feminist Studies in the Americas and the Caribbean* engaja o trabalho dos estudos Negro-feministas de tradução como compromissos cruciais e complexos. Ao compreender a política racial e de gênero nas experiências vividas pelas pessoas, a partir da comparação e recuperação de histórias culturais, e tomando as próprias interpretações como tradução, a antologia é uma “transculturación” epistémica e linguística (um termo descrito pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz). Isso envolve a identidade racial e de gênero de múltiplos contextos coloniais e interpretações interseccionais através de gerações—entre amigas e mentores—para além dos limites oficiais da língua e da linguística. Como parte de uma coleção de apresentações no simpósio de LAPES 2022 sobre uma variedade de tecnologias e linguísticas, isso é, para ecoar Layla Zami, o “feminismo do século XXI”.

### **CONOR TOMÁS REED SOBRE LUCÍ CAVALLERO, VERÓNICA GAGO E LIZ MASON-DEESE; E SILVIA GONZÁLEZ**

Quando es *compas* invocam o poder da *internacional feminista*, catapultando lições por todo o hemisfério, podemos desenvolver um ritmo e um léxico compartilhados de pedagogias feministas em ação.

A contribuição de Lucí Cavallero, Verónica Gago e Liz Mason-Deese (tradução) em Buenos Aires, Argentina, junto com a de Silvia González em Seattle, Washington, sugere que os circuitos de abolição da dívida e do trabalho do lar digno estão conectados a uma nova força analítica que poderia recompor a força de trabalho anticapitalista de forma mais ampla.

Lucí e Veró relatam de dentro da campanha eletrizante de *Ni Una Menos* e amigos que reivindicam: “¡Vivas, libres y desendeudadas nos queremos!” (“Vivas, livres e desendividadas nos queremos!”). Analisando o poder aforístico dos slogans nas ruas (“*La deuda es una bomba de tiempo*”-“A dívida é uma bomba-relógio”), elas estabelecem conexões cotidianas claras com a dívida, a fim de a desabstrair, *para ir das finanças aos corpos*. Esta *counter-pedagogy* (*contra-pedagogia*) mapeia a abrangência da dívida, ao mesmo tempo que aponta métodos e locais específicos para interrompê-la, tais como as ações na porta do Banco Central da Argentina e do grupo de investimento Black Rock. Ao interromper a relação entre dívida, ameaças à autonomia corporal e violência sexista, elas refletem de perto sobre os manifestos feministas que são escritos para serem compartilhados nesses protestos em massa. Esses exemplos vívidos nos incitam a estudar as nossas composições de grande circulação de maneira tão rigorosa quanto as outras formas de escrita política.

Lucí e Veró também discutem como criaram efetivamente ligações transversais para que todos os sindicatos levantassem estas campanhas e slogans feministas anti-dívida num ecossistema coeso mais amplo, o que garante que o estado e o capital não possam separar facilmente a “militância feminista” do “poder sindical” e vice-versa. A internacional feminista entrelaça os nossos locais de mobilização—Argentina, Porto Rico, Espanha, Chile—e destaca, por exemplo, como as *compas* em Porto Rico sintetizaram a abolição da dívida com as lutas anticoloniais. Ao inverter a responsabilidade da dívida—recusando-se a implorar pelo “perdão” da dívida, em vez disso, reivindicam que “*La deuda es con nosotras y nosotros*” (“A dívida é conosco”) por milênios de trabalhos

feminizados não pagos e mal pagos —estes movimentos oferecem uma série de estratégias duramente adquiridas que podem ser utilizadas por leitoras, leitores e leitorias de *LAPIZ* em todos os lugares. Uma nova questão emerge no presente: como es nossos compas irão navegar na recente mudança no poder do Estado, de Macri para Milei?

A quase 11 mil quilômetros de distância, na Casa Latina de Seattle, Silvia González descreve os ganhos do movimento feminista transnacional de trabalhadoras do lar. Numa *counter-pedagogy* (*contra-pedagogia*) semelhante que altera a nossa terminologia de “trabalhadoras domésticas” para “trabalhadoras do lar”, Silvia recusa a domesticação e a dominação implícitas nessas formas e locais de trabalho. Ela relata as origens sexistas, coloniais e escravistas do trabalho do lar, e a maneira como as lutas das trabalhadoras feministas migrantes no século XX levaram à criação da Aliança Nacional das Trabalhadoras do Lar, em 2007—formada por mais de uma dúzia de diferentes organizações dos EUA. Afirmando este poder popular em conjunto com a política representativa, Silvia reconhece os seus valores nas representantes políticas como Alexandria Ocasio-Cortez e Pramila Jayapal, ao mesmo tempo que honra o poder da sua própria linhagem matrilinear através das gerações.

Adaptando a sua análise em tempo real para abordar as recentes mobilizações e ritmos da crise do #MeToo, da Marcha das Mulheres e da pandemia da COVID, Silvia também destaca as dimensões Sul Globais desse movimento que se baseia em legados feministas na África, Ásia, Caribe e América Latina. No entanto, ela reflete o quanto é fundamental a reestruturação dos Estados Unidos para que esse trabalho seja dignificado. Apenas dez estados e duas cidades possuem uma Carta de Direitos para as trabalhadoras do lar. Além disso, uma contradição de gênero também deve ser superada dentro das suas fileiras: os homens que fazem trabalhos de jardinagem e paisagismo muitas vezes não querem ser classificados como “trabalhadores do lar”; e por isso ainda não estão protegidos por estas leis. A clareza energética de Silvia mostra como as casas, os centros

de trabalhadores e as cidades são uma base sobreposta de operações a partir da qual as pessoas podem transformar as condições das nossas vidas.

## CONTINUAÇÃO

Num parentesco estratégico de Bogotá à Cidade do México, de Berlim à Havana, de Brooklyn à San Juan, de Buenos Aires a Seattle, e mais além, as pessoas que colaboraram com LÁPIZ N°8 cantam sobre *potência*, não *poder*—“poder com, não poder sobre”—para que possamos nos ancorar nas ideias e ações feministas enquanto navegamos em crises sobrepostas, que alteraram o mundo já turbulento desde o nosso simpósio no verão de 2022. Em uma prova de sua lucidez duradoura, estes artigos continuam sendo um ponto de referência crítico para navegar numa nova série de revoltas entrelaçadas. O espírito de coligação das lições pedagógicas des *compas*—o seu protagonismo coletivo *Nós (fem)* e *Eu coletivo*—é tanto sobre as nossas queridas comunidades quanto sobre os nossos locais de estudo e movimento. O intrincado arquipélago de escolas e centros sociais, locais de trabalho e casas, solo e ruas são todos indispensáveis à prática de pedagogias feministas militantes.

Enquanto esta edição vai para a impressão, uma guerra genocida em Gaza está polarizando uma geração e recompondo o mundo. Depois de 7 de Outubro de 2023, o Estado israelita, com o apoio inabalável do governo dos EUA, começou a fazer chover bombas sobre casas, hospitais, escolas, abrigos, locais de acesso a alimentos e rotas de fuga em toda a Faixa de Gaza. A vingança sancionada pelo Estado espalhou-se pela Cisjordânia (West Bank) e por toda a região. O crescente movimento global contra o apartheid israelita e a sua mais recente agressão militar inclui exigências que vão muito além de um cessar-fogo. Incluem o fim do cerco a Gaza, a libertação de todos os prisioneiros palestinos, o fim da ocupação israelita/EUA da Palestina e o fim da cumplicidade ocidental com o Sionismo. À medida que levantamos as lutas feministas revolucionárias nas Américas e no Caribe, que possamos também estudar e co-conspirar com feministas palestinas como Rabab



Abdulhadi, Nada Elia, Noura Erakat, Nadine Naber e o Coletivo Feminista Palestino.<sup>2</sup>

Convidamos as leitoras, os leitores e es leitories do *LÁPIZ* a conspirar e agir com propósito, com paciência e também urgência, nestes tempos cruciais. O tema do nosso próximo simpósio e revista ainda não foi escrito. Convidamos vocês a nos contatar com propostas de colaboração em [LAPESwebsite@gmail.com](mailto:LAPESwebsite@gmail.com). Avante com coração e foco, *compas!*■

2 → Veja, por exemplo: Rabab Abdulhadi, "Israeli settler colonialism in context: Celebrating (Palestinian) death and normalizing gender and sexual violence." *Feminist Studies* 45, no. 2 (2019): 541-573. Nada Elia, *Greater than the Sum of Our Parts: Feminism, Inter/Nationalism, and Palestine* (London: Pluto Press, 2023). Noura Erakat, *Justice for Some: Law and the Question of Palestine* (Palo Alto: Stanford University Press, 2019). Nadine Naber, "When Abolitionists Say 'Free Them All,' We Mean Palestine Too," *Truthout*, December 29, 2023, <https://truthout.org/articles/when-abolitionists-say-free-them-all-we-mean-palestine-too/>. Palestinian Feminist Collective, *All Out for Palestine: Palestine Digital Action Toolkit* (October 2023), <https://bit.ly/PFCToolkit/>.

